

Revolução passiva e modo de vida: ensaio sobre as classes subalternas

EDMUNDO FERNANDES DIAS

São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2012, 384p.

*Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos**

O último livro de Edmundo Fernandes Dias faz jus a toda a sua trajetória de luta pela emancipação dos subalternos e transformação da sociedade. Militante de base – como ele mesmo costumava se definir –, exemplar e reconhecido dirigente sindical, educador, profundo especialista e estudioso do pensamento de Antonio Gramsci e docente-pesquisador já aposentado da Unicamp, falecido em 3 de maio de 2013, Edmundo Dias nos brindou, através de seu livro derradeiro, com uma reflexão, no mínimo, urgente e necessária.

Tendo como *leitmotiv* as categorias de Gramsci e Trotsky de revolução passiva e de modo de vida, respectivamente, Dias percorre, através de vários ensaios, temas atuais; discute não somente questões como o neoliberalismo, gênero, raça, movimentos sociais e vários aspectos da luta de classes e – para usar um de seus sarcasmos favoritos – o socialismo realmente inexistente, dentre outros, em perspectiva histórica.

Dias articula o seu livro em torno do tema das múltiplas faces da passivização empreendida sobre aqueles que não têm vez e voz em inúmeros processos históricos e atuais: os grupos e classes subalternos, para fazer uso de um linguajar gramsciano que é peculiar ao nosso autor. Explique-se por outras palavras. A complexa categoria gramsciana de revolução passiva é um processo histórico de

* Docente da Unesp, câmpus de Marília. E-mail: rodrigopassos@marilia.unesp.br

hegemonia incompleta com ênfase na coerção empregada em diferentes ênfases na elaboração carcerária do comunista italiano. Gramsci sugeriu que tal categoria poderia ser uma chave central na explicação dos distintos processos históricos após a Revolução Francesa. Todavia, Gramsci não desenvolveu tal argumento de modo aprofundado e sistemático.

Edmundo trabalha com tal potencial analítico para explicar uma das faces da revolução passiva: aquela da transformação em que se cooptam setores e algumas bandeiras e demandas dos grupos e classes subalternos para que tudo permaneça essencialmente inalterado nos distintos processos históricos.

Talvez a maior contribuição de Edmundo Fernandes Dias seja outra correlata a tais temas. Ela incide sobre todas as convicções de todos os socialistas e marxistas. Corajosamente e de maneira não dogmática, o autor aponta o fato de que, consciente ou inconscientemente, Lênin prestou um desserviço ao aceitar uma tese de Kautsky segundo a qual o proletariado é incapaz de formular sua própria teoria revolucionária. Neste sentido, Dias retoma a formulação leniniana presente em *Que fazer?* de que a consciência social-democrata só podia ser introduzida de fora, tal como fora feita, em parte, por intelectuais originários da burguesia, como o foram Marx e Engels.

Desenvolvendo e desdobrando tal linha de argumento ao longo do livro, Edmundo sustenta que não se pode conduzir a luta pela verdadeira emancipação e pela construção de uma nova hegemonia em prol dos subalternos senão pelo seu próprio discurso e papel ativo. Não se pode incorrer em fatalismos, determinismos automáticos e mecanicistas, confiando o discurso e a ação a vanguardas que “representam” ou “emprestam” a voz ou elaboram a prática-teoria em nome desses mesmos grupos e classes subalternos. Do contrário, sem automatismos – como Dias ressalva várias vezes –, a orientação dos movimentos e partidos está fadada à derrota. A luta pelo socialismo e pela construção de uma nova hegemonia, de uma nova sociabilidade, de um novo modo de vida, passa em cada particularidade histórica, social, cultural pela necessidade de os subalternos serem senhores de sua própria ação e discurso.

Ainda neste diapasão, Edmundo Fernandes Dias lembra que a consecução do socialismo e de uma nova sociabilidade em favor dos subalternos não pode incorrer em simplificações brutais ou vulgarizações do marxismo. Neste sentido, o autor afirma que o stalinismo encampou o entendimento de que o socialismo passava necessariamente pela industrialização a qualquer custo, mesmo que repetisse os parâmetros essenciais do fordismo e criasse a equivocada avaliação da neutralidade da técnica. Ou seja, bastaria que o proletariado fosse aquele a “apertar o botão” para que tudo estivesse absolutamente resolvido.

Outro ponto lembrado com bastante pertinência pelo ex-diretor do sindicato nacional dos professores universitários públicos (Andes), onde militou durante muitos anos, é de que é necessário sair da abordagem abstrata que marca a apropriação de muitos militantes socialistas e marxistas de categorias como classe social. É preciso vincular a luta de classes às questões cotidianas e àqueles

elementos que marcam a coletividade dos subalternos como sujeitos de carne e osso. É preciso analisar e intervir no tocante à hegemonia e à construção de uma congênere alternativa nas questões concretas e cotidianas.

Recorro a dois conjuntos de ressalvas críticas sobre o livro devidos respectivamente a colegas da Unesp e da Unicamp, Leandro Galastri e Álvaro Bianchi. Tomando emprestada a avaliação de Galastri, a despeito de seus méritos, talvez o livro tenha a vicissitude de um agrupamento de seus ensaios não muito bem agrupado em termos de afinidade temática. Ainda conforme Galastri, Edmundo reproduz muitos trechos de diferentes autores nos últimos ensaios do livro, muito provavelmente em função de sua já débil saúde. Por sua vez, talvez Bianchi tenha razão ao apontar que a literatura na qual Edmundo se apoia seja mais antiga, e o autor teria descurado do debate mais atual no campo do marxismo e na própria crítica à condução de tipo stalinista da luta política por parte de alguns partidos e movimentos, o que conduziria à equivocada compreensão de que os subalternos não podem e não são capazes de formular e expressar sua própria linha teórico-prática e seu próprio discurso.

Tudo isso não invalida o esforço e o enorme valor da contribuição em pauta de Edmundo Fernandes Dias, parte de seu legado que arremata toda uma trajetória pessoal de enorme relevância teórico-prática. Trajetória essa que uma simples e modesta resenha certamente não é capaz de expressar. Não somente por este livro, mas pelo conjunto de sua *ópera*.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A atualidade da economia política marxista

Alfredo Saad Filho

Existe uma burguesia mundial?

Danilo Enrico Martuscelli

Editando Marx e Engels

Pedro Leão da Costa Neto

Filmando *O Capital*

Fredric Jameson

O método da economia política

Karl Marx

30